



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do I Congresso Nacional de Agricultura Familiar
(Fetraf)**

Luziânia-GO, 22 de novembro de 2005

Quando o Gilberto Carvalho foi dizer para mim que eu tinha que vir no Congresso da Fetraf, eu, como sei que esse movimento começou no Sul do país e, portanto, proporcionalmente deve ter muito gaúcho, eu, como corintiano fiquei: “Será que é bom um corintiano ir?” Porque os críticos, o Calixto sabe que os críticos do Corinthians são muitos, estão dizendo que houve favorecimento.

Bom, eu quero começar cumprimentando cada companheiro e cada companheira que participa deste 1º Congresso, organizado pela Fetraf, que não é mais Fetraf porque está se transformando numa entidade nacional. Quero dizer para vocês que é uma alegria saber que vocês estão mais organizados hoje do que estavam ontem e, certamente, estarão amanhã mais organizados do que estão hoje. Tudo isso é um processo, leva tempo, leva a decepções, sofrimento. Mas não desistam, porque é o que vale a pena.

*Fiquei deveras preocupado, porque depois da mística, depois do confronto entre o bem e o mal, aqui, neste palco, as duas traidoras foram sentar juntas ali e ficaram tagarelando, ou seja, era uma briga apenas para inglês ver, porque no fundo, no fundo, estavam as duas, ali, dizendo que nos tinham enganado. Mas, meus parabéns pela mística.

* Refere-se a peça de teatro apresentada no evento.



Quero cumprimentar os dirigentes, representantes de países estrangeiros aqui presentes. É sempre importante que haja essa interação entre os trabalhadores, o povo e os dirigentes brasileiros com os nossos irmãos do Planeta, sejam da América do Sul, América Latina, África, Europa, Ásia, Estados Unidos, Canadá. É importante que haja essa interação, sobretudo porque estamos entrando numa reta final da Rodada de Doha, onde os acordos comerciais serão levados muito em conta. E eu acho que é preciso que haja um mínimo de compreensão dos trabalhadores do mundo inteiro, que é preciso construir uma proposta porque, na verdade, ninguém quer prejudicar ninguém.

A única coisa que precisa haver compreensão é que se os países ricos não diminuam os subsídios que colocam nos seus países, continente como a África terá muito mais dificuldade de se desenvolver. Então, é preciso que haja a compreensão de que a disputa tem que ser mais igual, mais justa, para que aqueles que estão mais atrasados, do ponto de vista científico-tecnológico, possam ganhar uma certa dimensão. E a agricultura é, para muitos países, a única possibilidade que eles têm de ter acesso aos mercados internacionais.

A terceira coisa, Tortelli – eu não li a minha nominata, aqui, entrei direto – meu querido Tortelli, é que tem que aproveitar o momento em que tem representantes estrangeiros aqui e discutir um pouco o nosso programa de biodiesel, porque eu acho que para não deixar que o nosso planeta seja deteriorado pelo nosso capeta*, nós precisamos criar urgentemente alternativas energéticas renováveis. E o Programa de Biodiesel é o grande projeto de produção de uma matriz energética alternativa, sobretudo, para beneficiar a agricultura familiar. E é importante que eles voltem para os seus países conhecendo o projeto que nós temos no Brasil.

A terceira coisa que eu queria dizer – cumprimentando agora, educadamente, os nossos companheiros da mesa, eu não cumprimentei

* Personagem de uma peça apresentada no evento.



nenhum, parabenizando os dirigentes por este primeiro Congresso que vocês estão realizando, cumprimentando esta quantidade enorme de mulheres que está presente neste Congresso – eu queria dizer para vocês que estou aqui com orgulho, com a certeza de que estamos cumprindo o nosso dever, com a certeza de que estamos cumprindo os compromissos que assumimos com os trabalhadores e com a agricultura familiar em nosso país.

O Rossetto citou alguns números e o Tortelli, como sempre, apresentou uma reivindicação. O Tortelli esqueceu de citar o nome do Chico de Menezes, ele chegou aí com remorso, viu Chico? Eu disse que ia citar, mas o Rossetto citou antes do Chico Menezes, então... Chico de Menezes é um companheiro que tem dado uma contribuição enorme.

Olhem, eu gostaria que vocês, ao retornarem, não sei se a Fetraf tem isso, mas se não tiver, da minha parte eu vou deixar... Antes de ler o meu pronunciamento ou de falar aqui os meus improvisos, eu queria que vocês guardassem alguns números que são importantes para a gente medir a diferença do que aconteceu no Brasil em 35 meses, completados dia... vão completar ainda no dia 1º de dezembro, 35 meses. E sobretudo para a delegação estrangeira que está aqui saber o que está acontecendo na agricultura familiar no Brasil.

Quando nós tomamos posse, nós já estávamos no meio do Plano Safra 2002/2003, porque ele começa em junho e vai até julho do outro ano. Quando nós tomamos posse, em 2003, nós tínhamos 904 mil contratos do Pronaf. Agora, quando terminou a safra 2004/2005, nós já tínhamos um milhão, 639 mil e 515 contratos. O que é mais importante é o que disse o Rossetto: é que nós pulamos de uma quantia emprestada de R\$ 2 bilhões para R\$ 6 bilhões. E quando nós lançamos o Plano Safra, que começou em junho e vai até o ano que vem, e colocamos R\$ 9 bilhões, teve um companheiro que perguntou para mim “bom, mas nós estávamos reivindicando 18”. Eu disse para ele: é melhor colocar 9 e depois a gente ter que chegar um pouco mais, do que a gente



colocar 18 e não emprestar, e receber pela cara uma manchete dizendo que o governo não conseguiu emprestar o dinheiro.

Além dessa quantia de contrato, há duas coisas que eu acho extremamente importantes, e esse é o dado, meu companheiro Tortelli, que vocês devem utilizar, sobretudo no trabalho de vocês pelo Norte e pelo Nordeste brasileiro. Quando nós tomamos posse, no Plano Safra 2002/2003, tinha, na região Sul do país – vejam que interessante – de 932 mil contratos quase 500 mil eram no Sul do país. Cinquenta por cento, praticamente, eram no Sul. Se você pega o Sul e o Sudeste, você vai chegar à conclusão de que quase 60% de todo o dinheiro do Pronaf ia para as regiões Centro-Sul e Sudeste.

Pois bem, qual foi a novidade que aconteceu no Plano Safra 2003-2004 e 2004-2005? O que aconteceu, de verdade, é que o Sudeste cresceu proporcionalmente menos, porque já tinha muita gente. Nós saímos de 435 mil, no plano... Veja, tinha caído, viu, Tortelli?

No Plano Safra 2001-2002, vocês fizeram, no Sul do país, 487 mil contratos. No Plano Safra seguinte, 2003 a 2002, vocês fizeram 435 mil contratos, 50 mil menos do que 2001-2002; em 2003-2004, vocês já pularam para 500 mil. E, agora, até outubro, vocês já chegaram a 678 mil contratos na região Sul do país. Ou seja, é muita gente.

E por que isso no Sul? Porque é onde tinha mais experiência organizativa. E o que nós fizemos, que eu acho que foi extremamente importante? Na região Sudeste também cresceu. Saímos de 118 mil contratos para 236 mil contratos, um crescimento também bom.

Na região Centro-Oeste cresceu menos. Saímos de 30 mil contratos para 57 mil contratos, até outubro. Na região Nordeste, nós saímos de 285 mil contratos – esse é um dado extremamente importante – saímos de 285 mil contratos para 568 mil contratos, na região Nordeste do Brasil. E na região



Norte do país, nós saímos de 35 mil contratos para 98 mil contratos, praticamente três vezes mais.

Qual é o dado positivo disso? É que nesses últimos dois anos nós conseguimos nacionalizar o dinheiro do Pronaf. Nós conseguimos fazer com que um trabalhador do Acre, ou da Paraíba, ou de Rondônia, tivesse a mesma possibilidade de ter acesso aos recursos do Pronaf que tinha antes um trabalhador organizado na Fetraf, no Rio Grande do Sul, organizado numa cooperativa, no Rio Grande do Sul.

E a tendência natural é que a gente vá crescer um pouquinho mais e que possamos, ao terminar esse Plano Safra, que vai terminar em julho do ano que vem, que a gente tenha praticamente igualado as regiões Norte e Nordeste, sempre levando em conta a proporcionalidade, ao pessoal dos centros mais desenvolvidos do país.

E isso traz, por detrás, uma outra novidade que, na minha opinião, ainda não está pegando no breu, que é o empréstimo para a mulher trabalhadora. Isso é importante porque, de vez em quando, a gente lança um Programa e a gente acha que ele vai acontecer no dia seguinte. E por que não foram muito mais mulheres ao banco, pegar o dinheiro para cuidar da sua produção? Ela não foi porque não tinha cultura para isso. Muitas vezes o marido, também, não estava acostumado a entender que a mulher tem que ter um pouco de liberdade para fazer as coisas por conta própria. Às vezes o marido ia, pegava todo o dinheiro, não sobrava nada para a mulher.

Então, eu acho que quando a gente lança um programa, muitas vezes ele demora a acontecer porque tem um processo de maturação. Mas se der certo o programa que nós lançamos, em que a mulher possa ter o seu crédito e um filho possa ter também o seu crédito, nós estaremos fazendo mais que uma revolução na agricultura familiar. Por que muita gente deixava o campo para ir para a cidade? Primeiro porque não tinha financiamento; segundo, porque se



plantasse, quando colhia não tinha preço; terceiro, ele não tinha energia elétrica, na maioria das casas.

E, desde que nós lançamos o Programa Luz para Todos, já atendemos 1 milhão e 800 mil pessoas. É uma coisa extraordinária, porque quem foi comigo a Vitória da Conquista, inaugurar o Programa Luz para Todos, o que percebeu? Uma senhora disse assim para mim: “Presidente, hoje é o dia mais feliz da minha vida”. Eu falei: “Por quê?”. “Porque agora eu vou comprar um liquidificador”. E eu falei: “Para que a senhora vai comprar?” “Porque agora eu vou ganhar dinheiro. Eu vou pegar as frutas, vou colocar as polpas delas no liquidificador, vou fazer suco, vou fazer sorvete e vou vender e vou ganhar dinheiro”. Vocês percebem que, no nosso meio, as pessoas não têm sonhos inalcançáveis, as pessoas pensam do tamanho do mundo em que elas vivem, e as pessoas querem construir.

E o Programa Luz para Todos é um Programa que conta com 85% de dinheiro do governo federal, é um programa que gera emprego lá no campo, porque a gente compra as coisas no estado em que estão sendo produzidas. E, se Deus quiser, nós tínhamos assumido o compromisso de atingir, em 2008, os 12 milhões de brasileiros que ainda não tinham energia, e eu penso que a gente pode alcançar antes. Por quê? Porque quando nós lançamos o Programa, até ele conseguir pegar força, leva tempo. As empresas não estavam preparadas, era necessário qualificar a mão-de-obra, era necessário... Só para vocês terem idéia, as empresas estavam praticamente paralisadas. Quando lançamos o Programa, tivemos que comprar das empresas milhares de postes, milhares e milhares de metros de cabos, de fios. Vocês sabem o que aconteceu? As empresas aumentaram o preço em quase 300%, ou seja, estavam quase quebrando porque não conseguiam produzir. Quando nós criamos o Programa, ao invés de vender mais barato, aumentaram o preço. Aí toca a chamar os empresários, a ministra Dilma se reunir com eles, agora o ministro Silas, para que a gente consiga fazer um preço equilibrado porque sai,



em média, cada ligação dessas, por três mil e 200 reais. E nós a fazemos de graça para levar luz elétrica aos agricultores brasileiros, porque damos importância ao significado de um bico de luz. Ora, quem nasce no centro da cidade não tem a menor noção do que significa uma noite ou uma vida com um candeeiro. Não sabe, não tem a menor noção.

Então, quando chega um bico de luz, tem gente que não gosta que faça esses programas, tem gente que acha que a gente deveria estar fazendo outras coisas para quem já tem. Mas quem já viveu na base do candeeiro, não é candeeiro moderno, como a gente vê na televisão, é uma latinha com um pavio, e ali a mulher dava à luz, ali a mulher fazia comida, ali a mulher... tudo com aquilo. Imagina trocar um botão ou colocar um botão em uma camisa no escuro, com uma luzinha de candeeiro.

Então, vejam, quando decidimos fazer esse Programa, nós queremos ver se, até 2008, não haverá um brasileiro que não tenha luz na sua casa. E quando chega a luz, chega o desenvolvimento, porque chega junto o eletrodoméstico, chega junto a máquina de fazer farinha, chega junto para moer o milho. Eu acho que é um Programa que não estava na pauta de reivindicações do Movimento, precisa colocar aí, porque normalmente não estava na pauta do Movimento. Mas para nós é uma coisa sagrada e, sobretudo, eu que vivi até os sete anos de idade na base do candeeiro, tenho noção do que é isso. Eu vim para cá em 1952, mas em 1979 chegou o primeiro bico de luz na vila em que eu nasci. E a pessoa fica meio “areada”. Os sulistas não sabem o que é ficar areado. Areado é quando você acende uma luz muito forte que você não sabe o que fazer, você nem enxerga, de tanta claridade.

Este Programa, certamente é um programa que terá um valor extraordinário para a agricultura familiar. E por que é que a gente resolveu apostar nisso? Eu vou dar um outro dado para vocês prestarem atenção, sobretudo aqui, as delegações estrangeiras e os deputados. Eu vou dar um dado aqui. Eu vou dar a questão de dinheiro por região. Vou sempre pegar



como parâmetro o Plano Safra 2002/2003 que começou no governo anterior e terminou no meu governo, em junho. No Sul, em 2003, vocês tiveram o financiamento de um bilhão e 206 milhões. Vai corrigindo aí, Graziano, para ver se é esse número mesmo. Então, prestem atenção, a região Sul do país – depois você me dá essas plaquinhas para eu levar para ver se mando lhe atender logo com essas reivindicações aí. Mas, no Sul do país, nós tínhamos um bilhão e 206 milhões – Fritsch, presta atenção aqui – na safra 2002/2003 foram emprestados um bilhão e 206 milhões. Na safra 2004 (falha no áudio)... que está longe de terminar, nós já emprestamos 2 bilhões e 887 milhões de reais. Saímos de 1 bilhão e 200 milhões para 2 bilhões e 887 milhões. Na região Sudeste, que tinha muito pouquinho, apenas 390 milhões, até a safra de 2004/2005, já foi 1 bilhão e 47 milhões. Saímos de 390 milhões para 1 bilhão e 47 milhões. Na região Centro-Oeste, menor, nós saímos de 187 milhões para 381 milhões. Na região Nordeste, nós saímos de 393 milhões na safra 2002/2003 para 1 bilhão e 266 milhões na safra 2004/2005. Teve um crescimento de 288%. E na região Norte do Brasil, nós saímos de 201 milhões para 592 milhões, um crescimento de 491%.

Essa é a revolução que não tem a palavra de revolução, tem a palavra de justiça social, com milhares, milhões de seres humanos que vivem às custas do seu trabalho no campo. E quando as pessoas têm financiamento, luz e escola, dificilmente as pessoas deixarão o campo para ir morar em uma periferia de um grande centro urbano em condições subumanas. E nisso nós estamos com um pequeno avanço aqui, que é o seguinte: nós estamos em um processo de construção de 500 escolas rurais. Trezentas escolas rurais, 100 delas serão em assentamentos, 50 serão em quilombolas e 100 serão em terras indígenas, em acampamentos indígenas. E tem o problema da água também, porque nós nem falamos a palavra transposição. Nem falamos, porque eu não quero crer que alguém que conhece o que é a seca vai negar um pouco de água para atender a parte mais seca do território nacional. Não



acredito.

Tem muita disputa eleitoral, o nosso projeto está bem pensado, nós colocamos em primeiro lugar a revitalização dos afluentes e do rio São Francisco, recuperar aquilo que hoje, os que são contra, dizendo que nós temos que preservar as margens das florestas, queimaram para fazer carvão durante um século, e nós vamos recuperar. Alguns que estão falando contra, jogam centenas de toneladas de esgoto todos os dias nos afluentes. Nós é que vamos revitalizar o rio São Francisco. Se eu pudesse, para não incomodar ninguém, eu ia, na hora em que a água vai cair dentro do mar assim, antes de chegar no mar, eu ia puxá-la de volta para levar para o semi-árido. Como fica muito caro, eu tenho certeza que o povo baiano, o povo sergipano, o povo alagoano não negarão um copo d'água para o seu irmão do Nordeste. Alguns políticos, possivelmente neguem. Porque tem gente que não quer acabar com a miséria neste país, porque a miséria é a fonte da sua manutenção em cargos políticos.

E nós precisamos... porque o projeto é um projeto que vai, sobretudo, manter os açudes perenes. Os açudes vão ficar perenes, porque na hora em que um açude estiver vazio, a água vai para aquele açude, e a gente vai poder fazer, meus queridos companheiros, Avelino Ganzer, nós estamos desapropriando dois quilômetros e meio de cada lado do canal para que a gente faça experiências de assentamentos bem-sucedidos. Sempre com a maior tranquilidade, sem pressa. E nós vamos fazer tantos debates quantos forem necessários. Pode demorar um pouco mais, não tem problema. Mas nós teremos toda a paciência do mundo, toda, e vamos fazer.

Eu que nunca prometi... quem me conhece sabe que eu nunca prometi fazer transposição, mas é uma necessidade. É uma necessidade levar um pouco d'água para a região em que menos chove no nosso país. Obviamente que nós estamos vivendo momentos de incerteza nas intempéries, ou seja, este ano nós nos deparamos com uma seca no Rio Grande do Sul. Agora, no



estado do Amazonas, onde habitualmente chovia 12 mil milímetros por ano, tivemos uma seca. No Pará, tivemos seca.

Bom, ao invés de a gente ficar culpando alguém, eu não quero culpar ninguém. Eu não quero culpar alguém que desmatou, também não quero que ninguém culpe o governo. Eu quero que a gente olhe para o céu, mesmo quem não acredita em Deus, saiba que alguém mais poderoso do que nós deve estar zangado com o que nós estamos fazendo no Planeta, nesse momento histórico da sua vida. Há muitas incompreensões.

Então, hoje, nós estamos tomando consciência de que preservar o meio ambiente, cuidar da natureza, passa a ser uma vantagem comparativa nos nossos negócios internacionais. As pessoas vão ter que aprender isso. Plantar um pé de soja a mais ou criar uma cabeça de gado a mais, não precisa desmatar, a tecnologia já permite que não se precise. Então, nós vamos ter que cuidar com mais carinho, cada projeto nosso tem que ter um carinho especial.

Uma outra coisa importante: a questão das agroindústrias familiares. Quero, aqui, dizer para vocês o seguinte: vocês precisam começar a elaborar projetos. Não adianta ter muito dinheiro no BNDES para a agroindústria se não tem projeto. É o bom projeto que faz aparecer o dinheiro, não é o dinheiro que faz aparecer o projeto.

Então, Tortelli, o BNDES tem dinheiro. Vamos aproveitar e fazer muitas e boas experiências para a construção da agroindústria familiar. Obviamente que vamos fazer projetos que tenham solidez, projetos que tenham mais possibilidade de ter sucesso, porque se fizermos três ou quatro projetos fracassados, desanima todo mundo.

Vamos, então, escolher as melhores condições e fazer esse projeto, porque o dinheiro está no BNDES, está até mofando. Se não aparecerem os projetos, meu caro, o Guido Mantega vai emprestar para outra coisa.



Então era importante, viu, Tortelli, que vocês criassem, a CUT, João Felício, dentro da CUT, que vocês criassem, quem sabe, uma comissão especial para que vocês produzissem alguns bons projetos de experiência da agricultura familiar. Vocês podem fazer isso, o BNDES certamente dará a assessoria que for necessária e vocês têm que aproveitar porque o mandato termina no dia 31 de dezembro do ano que vem. Aproveita, porque senão, depois, vocês não vão nem conseguir falar “bom dia” para o presidente do BNDES.

Eu acho que o momento, para a agricultura familiar, vocês vão discutir aqui, certamente falta muita coisa, gente. Certamente vai faltar, sempre que a gente for analisar, Calixto, vai faltar muita coisa. Agora, nós temos que sempre partir de um parâmetro: o que a gente tinha, o que a gente tem e o que a gente precisa. Para que a gente não faça nem juízo de valores excessivamente otimista e nem juízo de valores excessivamente pessimista. Que a gente faça a avaliação justa do que já aconteceu neste país, na agricultura familiar.

Eu posso dizer aqui, olhando na cara de vocês, e dizer olhando na cara do Tortelli, na cara dos dirigentes, que eu duvido que em algum momento da história do Brasil a agricultura familiar tenha sido tratada com o respeito e com os olhos que nós temos olhado para a agricultura familiar.

E pensamos isso não é porque somos apenas amigos, não. Pensamos isso porque isso norteia um modelo de desenvolvimento que leva em conta a manutenção do homem na sua terra natal. De o homem extrair da sua terra... Vejam que houve uma evolução, aqui, nessa frase, porque antes a gente falava: nós precisamos fixar o homem no campo. E, aí, nós aprendemos que quem gosta de ser fixado é estaca, o homem gosta de trabalhar no campo, mas ele pode querer morar na cidade. Afinal de contas, quem é que não gosta de uma cidade, de um cinema, de uma praça, não é isso?

Então, o que nós queremos é dar as condições para que a juventude não saia, aos 17 anos, para ir perambular pelo mundo, a não ser que vá por



prazer. Mas que tenha condições de trabalhar no campo, que tenha condições de trabalhar ajudando a mãe, o pai. Para isso é que nós estamos criando essas linhas de financiamento, para isso é que nós estamos apostando muito na assistência técnica. E muitos de vocês, daqui a algum tempo, serão técnicos agrícolas e poderão estar ajudando em outras partes do Brasil.

Estamos cumprindo uma coisa que eu disse ao companheiro Miguel Rossetto. Quando eu chamei o Rossetto para ser ministro eu disse: “Rossetto, olhe, se você enveredar pelo caminho de ficar medindo apenas quantas pessoas você assentou, você já está derrotado. Você precisa, ao mesmo tempo em que você tem que assentar, o que você precisa lembrar é que nós temos milhões de pequenos agricultores que não tem empréstimo, que não tem assistência técnica, que não tem garantia de preço”.

Eu vi a alegria, quando eu fui a Rondônia e que a gente foi comprar o feijão do povo de Rondônia, que estava a 20 e poucos reais o saco e que nós levamos para 50 e poucos reais e, aí, o mercado foi obrigado a pagar o preço justo.

Então, eu acho que essa assistência técnica e essa melhoria de quem já tem a terra é um passo gigantesco porque, senão, ficam os piores do mundo. Você faz uma luta imensa, assenta um companheiro, mas depois você não dá financiamento, esse companheiro volta para a cidade. Aí, você pega e assenta um outro companheiro, aí uma família inteira, que está morando num lugar qualquer, porque não tem financiamento, porque não tem assistência técnica, porque não tem garantia de preço, porque não tem luz elétrica, faz que nem minha mãe fez: pega um pau-de-arara e vai para a cidade. O que nós queremos é dar condições, a todos que já tinham terra, de produzir. Para isso, estamos com um trabalho imenso com o Ministério do Desenvolvimento Social, na construção de cisternas, que é um trabalho que pode render frutos em curto prazo.

Por isso estamos com um trabalho de compra, a compra do leite. Esses



dias não sei quem foi que cometeu um desatino, Dulci, que reduziu... a gente estava comprando até 100 litros de leite, não sei quem foi que reduziu. Deu uma chiadeira imensa na Paraíba e em outras cidades do Nordeste. Nós voltamos imediatamente a comprar os 100 litros. Eu não sei quem foi. Porque de vez em quando aparece um engenhoso que dá uma idéia dessas, “corta”, achando que quem produz 100 litros já é rico, já é latifundiário. Vamos comprar e vamos aumentar, sabe por quê? Porque é um programa excepcional não apenas pela quantidade de produtores que você atende, mas pela quantidade de pessoas para quem você distribui o leite.

Eu vou dar um dado aqui, se é que está aqui na minha notinha, que meus assessores... Caiu a minha notinha... tão bem que meus assessores escreveram aqui. Mas eu vou dar aqui o exemplo do leite. O leite, nós colocamos 230 milhões de reais, atendemos 1.151 municípios. As famílias atendidas com esta distribuição do leite, foram 647 mil famílias, e os produtores que nos venderam foram de 15 mil produtores. Tudo isso pode melhorar. Nós queremos, vocês querem, nós precisamos, vocês precisam, e esta parceria de comprar o leite dos pequenos produtores a um preço melhor do que eles vendem para as multinacionais – a um preço melhor, é importante lembrar isso – e distribuir para famílias carentes, é a melhor coisa que pode acontecer.

Da mesma forma que a questão da compra de alimentos. Na compra direta e antecipada, eu acho que nós poderemos melhorar muito. Nós compramos quase 28 mil toneladas de alimentos, dos quais 11 mil toneladas foram da agricultura familiar. Poderia aumentar, não é, Rossetto? Mais da agricultura familiar, mais.

Bem, por fim, companheiros – eu já me alonguei demais – eu queria dizer para vocês que a tendência é melhorar. Eu fiquei muito feliz quando fui a Erechim, no Rio Grande do Sul, quando nós... teve a seca no Rio Grande do Sul, em uma semana nós conseguimos colocar no estado 408 milhões de reais para resolver o problema da seca. Agora, com o seguro agrícola, se Deus



quiser, daqui a alguns anos não vai ter mais problema. Não vai ter mais problema porque, bateu uma crise em um estado ou em uma região, a gente vai poder, imediatamente, com o seguro, cobrir. Uma coisa que eu fico feliz é que acabou a história... vocês nunca mais viram na imprensa nacional, a figura daquelas frentes de trabalho. Tem uma seca, os trabalhadores tiram uma pedra de um canto, colocam em outro canto. No ano seguinte, ele tira do outro canto e bota no mesmo canto que estava. Agora, não. Agora o Bolsa Família está ajudando muitas famílias. Esses dias eu fiquei... esses dias, lá em casa, vendo televisão, quando eu vi aquelas mulheres do Rio Grande do Norte devolvendo o cartão porque já tinham resolvido o seu problema – e uma contou uma história, que comprou, com o primeiro dinheiro que ela recebeu, comprou pintinhos, aí com o segundo, também comprou pintinhos, e daqui a pouco ela tinha uma galinhada, e daqui a pouco ela estava sendo vendedora de ovos e de frango caipira, e por isso ela não precisava mais do cartão, foi devolver. Recebi 290 cartões de volta, em uma demonstração de que vale a pena acreditar na seriedade do povo deste país. Vale a pena.

No mais... você devolveu, mas você está reivindicando para mim aí, vale uns 500 cartões, rapaz.

Olha, gente, nós vamos continuar avançado, fiquem certos. Fiquem certos, não tenham vergonha, não tenham medo, não tenham preocupação de fazer as reivindicações que têm que fazer, de fazer as críticas que têm que fazer, vocês sabem que nós nunca vamos nos incomodar com isso.

Até porque eu sei que a maior conquista da minha passagem pela Presidência da República – a maior – é quando terminar o meu mandato poder encontrar com vocês onde eu sempre encontrei e a gente se tratar como companheiro, como sempre nos tratamos.

Muito obrigado. Boa sorte à nova entidade sindical. E que Deus abençoe vocês.